

Preconceito linguístico

Preconceito linguístico é discriminar alguém pelo jeito como fala. Ele é, na prática, preconceito social disfarçado — porque as formas ridicularizadas são sempre as das classes de menor prestígio.

Como ele funciona

Nenhuma variedade é linguisticamente melhor que outra: todas cumprem a função de comunicar com sistema e regra.

O que dá prestígio a uma delas é **social**, não linguístico — a variedade de prestígio é a das classes que detêm poder econômico e escolar.

O teste que revela isso: sotaques de países ricos são “charmosos”; variedades do interior do Brasil são “erradas”. A diferença não está na língua.

As formas mais comuns

- Corrigir alguém publicamente pela pronúncia ou pela concordância.
- Tratar sotaque regional como sinal de baixa escolaridade.
- Usar a fala não padrão para caracterizar personagem como ignorante.
- Associar variedade rural ou periférica a incapacidade intelectual.
- Chamar a variedade do outro de “português errado”.

A saída: bidialetalismo

A posição que a escola e a prova defendem não é abandonar a variedade de origem. É **acrescentar** a norma de prestígio ao repertório, para poder circular em todos os contextos.

Isso é o oposto de corrigir: é ampliar. O aluno passa a ter duas variedades e escolher conforme a situação.

O tema fora da prova

É repertório excelente para redação em temas de educação, desigualdade, identidade e representação — e ele é sociológico, não só linguístico.

Marcos Bagno é a referência brasileira mais citada sobre o assunto.

COMO O ENEM COBRA

O tema aparece com posição definida: o preconceito linguístico é uma forma de preconceito social. Alternativas que naturalizam a hierarquia entre variedades estão erradas.

Costuma vir com texto de cordel, música regional ou fala transcrita.

ONDE SE PERDE PONTO

Entender “respeitar a variação” como “não ensinar a norma culta”

A posição é somar, não substituir. Dominar a norma de prestígio amplia o acesso — e é isso que a prova defende.

LEVE ISTO PARA A PROVA

- Preconceito linguístico é preconceito social disfarçado.
- O prestígio de uma variedade é social, nunca linguístico.
- A saída é somar a norma culta, não trocar de variedade.